

No “PAÍS DO DESPERDÍCIO”:
ANALISANDO O LIXO COMO CULTURA MATERIAL ENTRE IMIGRANTES
BRASILEIROS NA HOLANDA

Viviane Kraieski de Assunção

Introdução

A Holanda é recorrentemente descrita como um país sustentável. Notícias veiculadas pela imprensa nacional e internacional informam que o país recicla 79% das 60 milhões de toneladas de resíduos sólidos por ano, e cerca de 50% dos de 8,5 milhões de toneladas de lixo doméstico por ano. Estas mesmas fontes apontam que 16% do lixo produzido na Holanda são incinerados, e somente 4% vão para aterros sanitários. Este sistema de coleta e destinação é custeado pelos impostos pagos pela população holandesa – são cobrados, por ano, 250 euros por residência. Estas medidas de destinação do lixo têm sido tomadas pelo governo holandês desde a década de 1970. Há uma associação nacional que auxilia as municipalidades, responsáveis diretas pela remoção dos resíduos. E tanto o governo como os produtores são encarregados de dar destinação adequada ao lixo (REDE BRASIL ATUAL, 2012; GLOBO, 2014).

No Brasil, em 2010, foi instituída a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) – Lei nº 12.305 – que prevê a redução na geração de resíduos, através do aumento da reciclagem, reutilização dos resíduos sólidos que têm valor econômico e podem ser reciclados ou reaproveitados e a destinação ambientalmente adequada dos rejeitos (BRASIL, 2010). Além disso, a PNRS criou metas para a eliminação dos lixões e instituiu a responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos (fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes,

o cidadão e titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos urbanos). De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), o objetivo é o de atingir o índice de reciclagem de resíduos de 20% no ano de 2015 – metas estabelecidas pelo Plano Nacional sobre Mudança do Clima (MMA, 2015).

De acordo com dados do MMA, Abrelpe, SEA/RJ e Comlurb/RJ, entre 2011 e 2012, a produção de resíduos sólidos no Brasil cresceu 1,35%, mais que a população brasileira, que teve aumento de 0,9% no mesmo período. Segundo as mesmas fontes, a população brasileira produziu 62.730.093 toneladas de resíduos sólidos em 2012. Deste total, 17,3% foram depositados em lixões, 24,2% em aterros controlados e 58% em aterros sanitários¹. Conforme a Abrelpe, mesmo com 60% dos municípios do país tendo alguma iniciativa de coleta seletiva, menos de 2% dos resíduos sólidos urbanos no Brasil são reciclados (AGÊNCIA BRASIL, 2013).

Estes dados mostram que a forma como Holanda e Brasil tratam a produção e a destinação dos resíduos sólidos apresentam fortes contrastes. Ao contrário da Holanda, medidas governamentais relacionadas à preocupação ambiental são mais recentes no Brasil, e vêm, de forma lenta, modificando os hábitos da população, como a implantação de sistemas de coleta seletiva de lixo em algumas cidades e a implementação da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino.

1 Os lixões são locais onde o lixo é depositado sem nenhuma forma de tratamento. Já nos aterros controlados é feito o encobrimento do resíduo antigo com terra e grama e a captação do gás metano que é produzido pela decomposição do lixo. Nos aterros sanitários, o terreno é preparado em camadas de forma a impossibilitar que o solo absorva o chorume (líquido lixiviado com potencial de contaminação 200% superior ao do esgoto doméstico). Este, por sua vez, é bombeado e transformado em água. O gás metano também é captado e pode ser queimado ou transformado em biogás (Fonte: MMA, Abrelpe, SEA/RJ e Comlurb – Companhia Municipal de Limpeza Urbana/RJ).

Neste texto, exploro as percepções sobre os resíduos sólidos de indivíduos que experienciam estes dois contextos distintos – os brasileiros que migraram para a Holanda. Quando migram para outros países, os indivíduos entram em contato com diferentes culturas e arranjos sociais, que podem colocar em questão seus valores e concepções de mundo. No caso de imigrantes brasileiros na Europa, boa parte deles costuma experimentar um aumento do padrão de consumo. Em minha pesquisa na Holanda, procurei explorar se os brasileiros relacionam suas práticas de consumo com ideologias ambientalistas e de que forma lidam com a produção e o descarte de resíduos sólidos.

Destaco, aqui, dois principais pontos: (1) o lixo é considerado como parte da cultura material, que, em sua materialidade, objetiva diferentes concepções de mundo. Como tal, o que é lixo e como este deve ser descartado varia de acordo com o contexto sociocultural, e deve ser entendido em relação ao processo de consumo. Mostro que, (2) na Holanda, os sujeitos da pesquisa não apresentam ideais como consumo sustentável, mas tentam se adaptar ao sistema local de coleta e destinação de lixo. Embora reconheçam a eficiência deste sistema, estes indivíduos classificam a Holanda como “país do desperdício”, por entenderem que determinados objetos, como móveis e utensílios domésticos, devem ter outros destinos. Desta forma, apresentam seus entendimentos sobre relacionamentos sociais, que se diferem entre os indivíduos dos dois países.

Percursos metodológicos

Os dados aqui apresentados são resultados de uma pesquisa etnográfica com imigrantes brasileiros na Holanda, realizada por um período de um ano. De 2012 a 2013, contactei organizações de apoio a imigrantes brasileiros na Holanda, visitei e participei de festas e atividades em igrejas brasileiras, onde foi possível conviver com estes

indivíduos. Também realizei entrevistas em profundidade com pelo menos 15 brasileiros provenientes de diferentes estados brasileiros, idades e classes sociais.

Os sujeitos de minha pesquisa tinham perfis distintos. Convivi com brasileiros indocumentados, que tinham migrado para a Holanda através de contatos de suas redes sociais, que possibilitam e facilitam estes deslocamentos. Alguns destes indivíduos tinham vivido em outros países europeus, como Portugal, Espanha, Itália, antes de chegarem à Holanda em busca de melhores oportunidades de trabalho. Os indocumentados trabalham em funções que exigem pouca qualificação, e têm possibilidades de trabalho limitadas. Em geral, os homens trabalham na construção civil e, as mulheres, em limpezas de casas e escritórios.

Os interlocutores de minha pesquisa em situação legal são indivíduos casados ou em relacionamento amoroso com um parceiro holandês – a grande maioria mulheres brasileiras casadas com homens holandeses – que migraram para a Holanda para viver com o companheiro. Embora documentados, estes indivíduos têm dificuldades de ingressar no mercado de trabalho devido à falta de fluência no idioma holandês e o não reconhecimento dos diplomas de cursos universitários obtidos no Brasil. São raros os casos em que estes imigrantes conseguem trabalhar em funções de mesmo *status* que tinham em seu país de origem. Entre minhas interlocutoras, era comum que elas desempenhassem os mesmos trabalhos dos imigrantes indocumentados, como a limpeza de casas.

O IND (Departamento de Naturalização e Imigração da Holanda) aponta há, atualmente, 16 mil brasileiros vivendo legalmente na Holanda, sendo que a maioria são mulheres e foram para o país para reunificação familiar. Este número, no entanto, pode ser superior, já que não contabiliza o grande contingente de indocumentados.

De acordo com estimativas do Ministério das Relações Exteriores (MRE), há 30.300 brasileiros na Holanda.²

Lixo, consumo e a questão ambiental

A produção de resíduos sólidos nas sociedades ocidentais está associada a importantes transformações ocorridas ao longo dos séculos. Na Idade Média, a maioria dos restos resultantes de atividades humanas estava relacionada ao corpo (como fezes, urina, secreções e o próprio corpo humano em decomposição) aos restos da alimentação (carcaças de animais, cascas de frutas e hortaliças) (VELLOSO, 2008). Como mostra Velloso (2008), estes restos passaram a ser associados a sofrimentos físicos e psíquicos após epidemias e pandemias de várias doenças, principalmente a peste negra, que assolou parte da população europeia no século XIV. As percepções sobre os resíduos resultantes das atividades humanas sofreram mudanças ao longo dos séculos, e a cultura foi um fator importante na construção e representação do imaginário social (VELLOSO, 2008).

O aumento da produção de resíduos sólidos ocorreu principalmente com o desenvolvimento do sistema capitalista após a automatização da produção industrial e do início do processo de urbanização das cidades europeias na segunda metade do século XVIII (DIAS, 2002). A concentração de pessoas nas cidades e as mudanças no modo de consumo da população, que passou a comprar produtos industrializados, aumentou crescentemente a produção de resíduos, principalmente nos centros urbanos. Aos poucos, produtos duradouros e reutilizáveis, considerados de boa qualidade até algum tempo atrás, perderam terreno para os descartáveis (GRADVOHL, 2001).

2 O MRE estima que há 2.801.249 brasileiros vivendo no exterior, sendo 736.76 em países europeus. A maior concentração de imigrantes brasileiros está nos Estados Unidos, e é estimada em 1.043.422.

Já no século XX, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, os rumos do desenvolvimento e a crescente industrialização dos países passaram a ser questionados por cientistas de diversos países do mundo, que começaram a alertar para os riscos da degradação ambiental (MEADOWS et al., 1972). Com a realização de conferências mundiais sobre o meio ambiente pela Organização das Nações Unidas (ONU), a questão ambiental entrou na pauta de discussão de governos e de estudos acadêmicos, e passou, aos poucos, a ser incorporada por indivíduos que percebem a necessidade de mudanças de comportamentos.

Noções globais de ambientalismo passaram a ser adotadas por indivíduos de classe média como forma de conter os efeitos ambientais negativos do desenvolvimento (COLOMBIJN, 1998). Algumas destas ideologias propõem que os crescentes problemas sociais e ambientais possam ser resolvidos ou minimizados através de práticas de consumo “consciente”, “ético” ou “político” (PORTILHO; CASTAÑEDA, 2009). Atualmente, estes discursos podem ser percebidos diariamente na mídia, em discursos de ambientalistas, em pronunciamentos de líderes políticos, na elaboração de programas de educação para o consumo “responsável” por governos e empresas, além da criação de sistemas de certificação e rotulagem e do surgimento de ONGs com atividades voltadas para o consumo “consciente”. Há, ainda, movimentos sociais que articulam estes discursos de formas diversas, como movimentos anticonsumo, movimentos de defesa dos direitos do consumidor, movimentos por consumo “responsável” e ainda outras iniciativas que unem estas noções à valorização de sistemas de produção tradicionais, como comércio justo, economia solidária e *slow food* (PORTILHO; CASTAÑEDA, 2009).

Como colocam Vieira e Berríos-Godoy (2003), a produção de resíduos ou lixo está relacionada à cultura do consumo³, que, por sua vez, está associada às metas e interesses de crescimento constante dos meios de produção e consumo capitalista. Desse modo, modificações técnica e tecnológica têm como objetivo chamar a atenção dos consumidores, proporcionar conforto e praticidade. Estas medidas ocasionam o aumento do consumo, a quantidade de produtos descartáveis e não degradáveis e, por conseguinte, o volume de resíduo/lixo. Vieira e Berríos-Godoy (2003) argumentam que o surgimento de embalagens do tipo *one way*, longa vida, PET, entre outras, ofereceu novas alternativas de produto e consumo que, ajudados pelos recursos de marketing, contribuem para manter a cultura do consumo.

Portilho (2004, 2005a, 2005b) analisa que houve, a partir dos anos 90, um “deslocamento” da percepção e da definição da problemática ambiental da produção para o consumo, o que implicou uma mudança nos discursos, debates e práticas sobre meio ambiente. De acordo com a autora, o impacto ambiental dos crescentes padrões de consumo das sociedades e camadas altas passou a ser ressaltado por diferentes atores sociais, o que levou ao surgimento de um novo discurso dentro do pensamento ambientalista internacional. Desta forma, este deslocamento discursivo começou a atrelar a problemática ambiental aos altos padrões de consumo e estilos de vida. As atenções acadêmicas e políticas deslocaram-se também da produção para o consumo, o que tornou as práticas individuais de consumo motivadas por “valores ambientalizados” uma nova estratégia para o surgimento de uma sociedade sustentável (PORTILHO, 2004).

3 Por essa associação estreita entre consumo e produção de lixo, autores como Waldman (2013) apontam que a solução para resolver problemas relacionados ao aumento da produção de resíduos passa, necessariamente, mas não de forma exclusiva, por uma redução do consumo.

Essas preocupações sobre as intersecções entre consumo e problemas ambientais também ocorrem nos interstícios entre vida pública e privada, como afirmam Strasser, McGovern e Judt (1998), e podem modificar os limites entre estas duas esferas. Halkier (1999) utiliza a expressão “politização e ambientalização do consumo” para descrever as exigências políticas para que as práticas de consumo se tornem mais condizentes com as demandas ambientais. O autor explica que cidadãos norte-americanos e europeus são cada vez mais encorajados a incorporarem as preocupações ambientais em suas práticas diárias. Desta forma, segundo Halkier, estas “pessoas comuns” estão contribuindo para formar experiências e representações sobre os conflitos ambientais e políticos acerca do papel de diferentes indivíduos e instituições na solução dos problemas.

Lixo como cultura material

As proposições de Daniel Miller ajudam a problematizar as pressuposições, que ele considera moralistas, de que o consumo seja necessariamente capitalista, materialista e incompatível com o ambientalismo (2004). Para o autor, não há humanidade sem mundo material; por isso, adota uma visão dialética em suas análises: a humanidade e as relações sociais só se desenvolvem por meio da objetificação. Segundo Miller (2004), toda crítica ao materialismo decorre de um desejo (implícito ou não) de erradicar a pobreza. O autor afirma, também, ser contrário às noções de (in)autenticidade atribuídas ao consumo, e sugere que o consumo pode ser usado para realçar a afeição pelas pessoas, ao invés de diminuí-la, recusando, assim, as suposições de que o consumo é uma prática antissocial. Da mesma forma, o consumo não é visto por Miller (2004) como alienante, pois pode ser uma ferramenta que as pessoas utilizam para combater a alienação

e negar o capitalismo em suas práticas cotidianas.⁴ Miller relativiza também as noções ambientalistas. Apesar de afirmar ser simpático a estes discursos, destaca que eles não devem negar a necessidade dos bens de consumo.

Em seus estudos sobre consumo, Miller utiliza o conceito de objetificação como ferramenta analítica. Trata-se de uma noção que, segundo o autor, é baseada na obra de Hegel. Como o próprio antropólogo explicou, em aula proferida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2010, o uso que faz deste conceito tem uma conotação positiva e refere-se à forma como as pessoas são “criadas” pela cultura. Em um de seus textos, encontramos uma definição mais ampla. Objetificação é, nas palavras de Miller, “o uso de bens e serviços no qual o objeto ou a atividade se torna simultaneamente uma prática no mundo e a forma na qual nós construímos nossos entendimentos de nós mesmos no mundo” (MILLER, 1995, p. 30; tradução minha). Neste sentido, sendo o consumo um processo de objetificação, deve ser entendido através da dialética entre a especificidade de formas de *commodities*, grupos sociais e regiões e o contexto mais amplo das mudanças globais nas quais estão inseridas a economia política e as contradições das culturas.

A abordagem de Miller do consumo como cultura material é inspirada em trabalhos de autores como Douglas e Isherwood (2009, lançado originalmente em 1979), que criticam as abordagens puramente economicistas e compreendem o consumo como um processo comunicativo. Em uma obra pioneira, a antropóloga e o economista inglês afirmam que os bens materiais manifestam valores, práticas e

4 Miller (2004) também sugere que muitos estudiosos fazem uma leitura errônea da obra de Marx. Miller alega que Marx afirmava que o problema do proletariado era que as pessoas tinham sido separadas das coisas, e reconhecia a importância da cultura material nas relações sociais.

rituais sociais, servindo como formas de inclusão e exclusão em círculos sociais. Assim, para além de seus valores utilitários, os bens participam da constituição de relações sociais e expressam identidades, pertencimento ou distanciamento de determinados grupos sociais. A atividade cotidiana de consumir está carregada de valores e significações, assumindo um papel preponderante na produção e reprodução social.

Ainda que muitos estudos sobre cultura material tenham centrado suas atenções sobre a vida social das coisas e seus valores (APPADURAI, 1986), pouca atenção tem sido dada à “morte social” destes objetos (COLLOREDO-MANSFELD, 2003). Como argumentam alguns autores (EDENSON, 2005; DE SILVEY, 2006), todas as formas materiais estão fadadas a perder sua forma original. Objetos preciosos, como heranças familiares ou artefatos de museus, são preservados como objetos significantes através de atividades de cuidado, enquanto outros são destinados à degradação (RENO, 2009).

Segundo Reno, o lixo aparece como dialeticamente oposto à valor. Citando Frow, o autor argumenta que o lixo é o grau zero de valor. Neste sentido, o valor pode ser entendido como derivado de uma ação investida em algo, ou, ainda, relativo às ações que o levam a fazer outras coisas (RENO, 2009). O descarte, por outro lado, seria a objetificação do valor negativo, pois não estão associadas a um investimento de nosso tempo e de nossas habilidades criativas (MUNN, 1986; GRAEBER, 2001 apud RENO, 2009).

O’Brien contraria esta proposição de que o lixo é algo rejeitado, destituído de valor ou significado. Para o autor, o lixo não existe enquanto uma entidade singular ou um fenômeno, e é um elemento central na organização social, pois está atrelado a “interesses políticos e econômicos, estabelece (e rompe) relações sociais e inspira desenvolvimento tecnológico e regulação burocrática” (O’BRIEN, 2013).

Segundo o autor, o lixo é definido por meio de manobras e estratégias contraditórias e complexas que estabelecem e regulam os canais por onde circulam os valores materiais. Deste modo, faz parte de um universo de relações e ações no qual o sentido e o valor são centrais (O'BRIEN, 2013).

Como objetos sociais, que circulam entre diferentes regimes de valor, o lixo também pode ser reavaliado após seu descarte. Neste sentido, o que é lixo é parte de um processo social contínuo, que está atrelado a diferentes concepções de consumo (RENO, 2009). Lucas (2002) defende que o ato de “jogar fora” precisa ser entendido por meio das teorias de consumo. Nas palavras do autor, consumo não significa apenas tornar o alienável em inalienável, mas também o reverso. Tão complexo quanto a aquisição de um produto, seu descarte ou o processo de reciclagem deve ser entendido como uma resposta diferente ao processo de (re)alienação (LUCAS, 2002).

Thompson argumenta, em seu trabalho pioneiro *The Rubbish Theory*, que os processos que definem o que é lixo são essenciais para entender a vida social. De acordo com o autor, a definição de lixo está relacionada a um amplo sistema de valoração – mais especificamente, está associada às categorias transitório e durável, que representam os modos como os objetos são vistos. Esta definição se opõe às concepções mais comuns de que o lixo seria algo indesejável ou inútil, e vai determinar a forma como os indivíduos agem em relação aos objetos. Os objetos podem transitar de uma categoria a outra, pois o lixo representa um *in-between*, ou seja, transita em uma “região de flexibilidade”. Neste sentido, um objeto pode circular de transitório a lixo e de lixo a durável. Segundo o autor, um objeto transitório pode perder seu valor de forma gradual e em expectativa de vida, e então pode se tornar lixo, mas também pode ser redescoberto e revalorizado. O transitório representa o estado no qual os objetos tem períodos

de vida limitados e perdem valor. Já a categoria durável refere-se aos objetos que têm um período de vida ilimitado e aumentam de valor através do tempo.

Segundo Rogers (2005), lixo é uma representação sensível de uma combinação de trabalho, natureza, terra, produção, consumo, passado e futuro. O lixo não é apenas um objeto, mas uma prática. O ato de jogar no lixo está situado no plano das microações, mas a forma como é realizada é moldada por uma macroestrutura social (GILLES, 2007, 2010).

Por fim, é interessante atentar que os discursos e representações sobre o lixo, assim como seu tratamento físico, podem diferir de lugar para lugar e entre indivíduos de uma mesma sociedade, o que revela sua simbologia. Estudos antropológicos realizados com trabalhadores do lixo e famílias que moram próximas a lixões (CABALLERO, 2004; PONTE, 2006; SILVA e SCOZ, 2009; SILVA e ZANINI, 2013; SOSNISKI, 2006) são exemplos destas diferentes percepções nestes grupos sociais. De acordo com o trabalho de Mary Douglas (1966) em *Pureza e Perigo*, há uma relação simbólica entre ordem/desordem e limpeza/sujeira. Segundo a antropóloga, quando estão fora do lugar, algumas coisas podem ser classificadas como “impuras” (por exemplo, um fio de cabelo em um prato de comida). Além das coisas no ambiente, este conceito de “impuro” também pode passar a ser utilizado para caracterizar pessoas e grupos sociais.

Brasileiros na Holanda: aumento do consumo e desperdício

É comum, entre os imigrantes brasileiros, afirmações de que, após migrarem, experienciaram um maior poder de consumo – seja por um aumento nos ganhos financeiros, ou por considerarem os preços cobrados na Holanda mais acessíveis. Estes relatos referem-se a uma facilidade de compra de uma grande variedade de produtos, como

comidas, eletroeletrônicos (principalmente computadores, laptops e celulares) e roupas. Há, nos discursos dos interlocutores da pesquisa, uma interrelação entre aumento do consumo e melhoria da qualidade de vida, como afirmou uma de minhas interlocutoras:

O nível de vida aqui é muito bom. Um pobre aqui é um rico no Brasil. O que no Brasil você leva anos economizando para ter, aqui é normal para todo mundo. Qualidade de vida, para você ter aqui, é fácil, você não gasta muito (Silvana, 29 anos).

Assim como observei entre imigrantes brasileiros na Grande Boston, há uma circulação de coisas que circulam entre os indivíduos que partiram e os familiares, parentes e amigos que ficaram no país de origem, como o envio de produtos eletrônicos, cosméticos e bolsas de marcas famosas pelo correio ou através de pessoas que retornam para o Brasil (ASSUNÇÃO, 2012). O envio destes produtos estreita relações entre os indivíduos residentes nos dois países, além de também significar a ascensão social daqueles que migraram, que passam a ser vistos como indivíduos que passaram a ter padrões de consumo semelhantes a de classes sociais mais abastadas no Brasil.

Os brasileiros também afirmaram que os holandeses são mais comedidos no consumo – o que, por vezes, caracterizam como avareza. A quantidade de produtos comprados em lojas e supermercados e as pequenas porções de comida servidas em festas (sempre para poucas pessoas) são recorrentemente dados como exemplos das práticas mais econômicas dos holandeses:

Você pode ver eles saindo das lojas... sempre com uma sacolinha só... é uma blusa, uma camisa só... só aquilo que precisam. Agora compara com uma sacola de brasileiros! (Teresa, 39 anos).

A festa deles é sempre para os mais íntimos. É para os pais e os amigos mais chegados. Se você vai a um jantar deles, é sempre um prato só. Eles fazem a quantidade certa para cada pessoa. Não tem sobra (Carla, 41 anos).

Aqui eles compram comida todos os dias. Os supermercados, depois das cinco da tarde, que é o horário que eles saem do trabalho, é sempre cheio. Eles vão lá comprar comida para a janta. É sempre assim. Eles nunca fazem rancho. Compram só aquilo que vão comer naquele dia (Samuel, 40 anos).

Estas diferenças em relação ao consumo são evidenciadas nas experiências cotidianas de casais interculturais. Os trechos dos depoimentos das interlocutoras a seguir expõem as percepções sobre as diferenças entre as formas de organizar festas e receber pessoas em casa. Em contraposição ao “modo holandês”, os brasileiros valorizariam a abundância e fartura de comida:

Ele estava preocupado, porque ficava pensando como ia servir tanta gente. Ele queria convidar só os parentes, mas eu queria que todo o pessoal da Igreja fosse. Eu falei pra ele: não se preocupa, a gente coloca toda a comida em cima de uma mesa e deixa o pessoal se servir à vontade. Eu quero uma festa como no Brasil, com muito docinho, muito salgadinho, bolo... Pra eles, isso é um desperdício de comida (Mariana, 33 anos).

São pessoas muito econômicas, são muito comedidos. Mas eu até entendo por que... Meu marido ele é normal. Mas a mãe dele não é normal. Os irmãos deles são mais ou menos normal. Porque quando Hitler, teve o problema, né... tiveram muitas cidades aqui que passaram por miséria total. Então passaram cinco anos sem nada. Então a geração mais antiga, com 60 ou 70 anos, eles são... usam a roupa

até... até rasgar. (...) Tem casos que é demais. Por exemplo, chega uma visita, aí passa um pacote de bolacha, aí fecha e guarda. Tem casos, né. Tem o depoimento de uma amiga minha, no aniversário de primeiro ano do filhinho dela, ela fez uma festa com muito balão, muita comida, muita gente. Eles acharam que ela era louca, porque eles fazem as coisas mais simplesinhas. Simples já está bom. Ela já entendia um pouco de holandês. Ela disse que ficou três dias chateada, porque ao invés do pessoal elogiar, ela fez tudo com tanto carinho... (...) Não é nem para mostrar que tem. É que o jeito brasileiro é mais farto, né. Mas hoje em dia eu acho que acaba desperdiçando muita comida (Carolina, 31 anos).

Estas diferentes formas de consumo são comumente explicadas como consequências da Segunda Guerra Mundial, quando parte da população holandesa teria tido dificuldades de acesso à alimentação e a outros produtos e serviços. No entanto, este consumo mais comedido também pode ser entendido como anterior a este período se relacionado com a ética protestante de uma sociedade cuja cultura é historicamente marcada pelo calvinismo, tal como analisada na obra clássica de Max Weber. Ainda que a população holandesa seja majoritariamente atea, o protestantismo teria favorecido o ascetismo, a austeridade e o racionalismo econômico, o que levou à expansão do capitalismo no continente europeu e teria fortes influências sobre as práticas cotidianas dos sujeitos (WEBER, 2004).

Os interlocutores da pesquisa afirmaram ser criticados por holandeses que consideram seu consumo exagerado. No local de trabalho, uma de minhas interlocutoras afirmou ser “olhada de cima abaixo” quando aparecia com uma roupa diferente: “uma de minhas colegas me disse: ‘é o terceiro vestido que você usa esta semana’. Eu disse para ela: ‘eu adoro vestido. Amanhã usarei mais um’”.

Os sujeitos da pesquisa não relacionam suas práticas com os conceitos de consumo sustentável, ético ou político. Quando perguntados sobre sustentabilidade e preocupações ambientais, eles citam

principalmente a separação do lixo e o uso de sacolas retornáveis nas compras. Uma interlocutora de minha pesquisa, casada com holandês, relatou o estranhamento com estes hábitos quando chegou à Holanda:

Aqui você vai no supermercado, você tem que levar a sua sacolinha. Tem a questão do meio ambiente, e tudo. Agora eu acabei acostumando. Mas no começo eu fiquei pensando que pessoal mão de vaca, não dá nada, nem uma sacolinha. Aí depois a gente vai começando a compreender (Carolina, 31 anos).

Os imigrantes brasileiros na Holanda costumam relatar as dificuldades e os perigos de não se compreender a forma como o lixo doméstico deve ser descartado. Cada morador deve colocar o lixo em sacolas específicas, compradas em supermercados, depois depositá-lo em recipientes próprios, em dias e locais permitidos – caso contrário, estão sujeitos a multas. Recorrentemente também elogiam a limpeza das cidades – o fato de ser raro encontrarem lixo nas ruas ou nos numerosos canais. Esta limpeza é sempre contraposta aos hábitos dos brasileiros (considerados “sem educação”) e ao aspecto das cidades brasileiras (denominadas “sujas”).

Neste sentido, não há preocupações em reduzir o consumo e, conseqüentemente, reduzir a produção de resíduos. Os brasileiros afirmam, ao contrário, um aumento do consumo de itens diversos, muitos dos quais não podiam comprar no Brasil. No entanto, que ainda que considerem os holandeses “mais econômicos”, eles criticam estes holandeses por práticas que consideram “desperdício”. Estas práticas, como mostro a seguir, estão relacionadas àquilo que consideram ou não ser lixo e a uma concepção mais ampla sobre relacionamentos sociais.

Holanda como o país do desperdício

“Eles vão para o Brasil ensinar reciclagem... isso é muita hipocrisia! Por que eles não acabam com o desperdício aqui?”, disse-me uma de minhas interlocutoras quando leu uma reportagem sobre um projeto social promovido por holandeses em comunidades pobres no Brasil que ensinava consertar e reutilizar objetos. Mostrando indignação, Célia comentou: “tudo aqui vai para o lixo. Eles não consertam nada, colocam tudo fora. O que vão ensinar no Brasil?”.

A reação de Célia era comum a muitos sujeitos de minha pesquisa em seus relatos sobre encontrar móveis e eletrodomésticos deixados nas calçadas. Alguns deles contaram-me já ter levado alguns destes objetos para casa: mesas, cadeiras, armários, camas, aparelhos de televisão e louças. Segundo eles, estas práticas os ajudavam a “economizar”, ou seja, a não gastar dinheiro na compra destes itens. Economizar, porém, não pode ser reduzido ao cálculo de restrição de gastos, como analisa Miller (2002). Como mostra o antropólogo em sua pesquisa com donas de casa inglesas, a economia contém também elementos simbólicos, pois inclui percepções variadas pouco objetivas, como a qualidade e a durabilidade dos produtos. No caso dos imigrantes brasileiros na Holanda, há uma percepção de que os móveis não são – e não devem ser – considerados lixo. Ainda que os móveis deixados nas calçadas sejam coletados para serem reaproveitados por empresas autorizadas pelo poder público a realizar a coleta, o fato de serem lá colocados é criticado pelos imigrantes brasileiros. Segundo eles, é preciso reaproveitar estes móveis ou dar-lhes o destino que consideram correto.

Este destino correto seria, primeiramente, oferecer o móvel a outras pessoas de seu círculo social.

Eles não oferecem nada. Se não querem mais, colocam na rua. Por que não dão para alguém? (Célia, 46 anos).

Os holandeses são tão individualistas que não pedem nada para ninguém, nem se estiverem precisando. E também não dão nada, não oferecem ajuda. Se tem alguma coisa sobrando, que não querem mais, eles simplesmente jogam fora (Marta, 34 anos).

No trecho do depoimento de Marta, é possível destacar uma crítica comum entre os interlocutores sobre os holandeses: o individualismo, que apresenta ambiguidades. Visto de forma negativa, é associado à falta de solidariedade e cooperação entre os sujeitos. Segundo os participantes da pesquisa, os holandeses não oferecem nem pedem ajuda aos parentes, amigos e vizinhos, e fazem o possível para resolver seus problemas sozinhos. Em alguns momentos, porém, o individualismo pode ser algo positivo, significando maior liberdade de comportamento. Neste sentido, os interlocutores afirmaram não se sentirem tão julgados ou avaliados quanto no Brasil.

Além de oferecer o móvel a um amigo ou conhecido, outra forma de dar um destino correto a estes objetos seria a doação. Maria, por exemplo, contou que tentou convencer o marido holandês a doar a cabeceira de cama:

Eu disse para ele não colocar fora. Mas não adiantou. Eu saí de casa e, quando voltei, a cabeceira não estava mais. Eu disse para a gente doar para a Igreja. Lá sempre tem gente precisando. Quando tem alguma roupa ou qualquer coisa que a gente não quer mais, a gente dá para a Igreja (Mariana, 33 anos).

Mariana referia-se à Igreja Católica que, tem missas em português, ministradas por um padre holandês que fala português fluentemente. Na Igreja, há um espaço onde são armazenados objetos doados, como cobertores e roupas de bebê, que são oferecidos a brasileiros que frequentam as missas e os encontros promovidos, como grupos de oração e festas.

Neste sentido, é importante, ainda, observar as práticas dos imigrantes brasileiros que, antes de retornarem ao Brasil, costumam doar móveis e utensílios domésticos a outros imigrantes brasileiros. A oferta destes objetos é feita, dentre outras formas, em espaços de sociabilidades destes sujeitos. Mesmo que não seja tão comum, estes objetos também são vendidos, mas a preços baixos, bem inferiores aos preços de mercado.

Sugiro que, tanto nas doações quanto na venda destes móveis e utensílios domésticos, podemos ver a circulação de dons através da definição que Godbout. O autor relembra a obra clássica de Marcel Mauss para pensar as sociedades contemporâneas modernas. Na definição de Godbout (1992), o dom é toda a prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retribuição que tem o objetivo de criar ou alimentar laços sociais entre pessoas. O dom, como modo de circulação de bens ao serviço dos laços sociais, constitui elemento essencial a toda sociedade.

Godbout analisa o dom realizado a desconhecidos, a exemplo dos dons de caridade, como uma novidade moderna. Ele lembra que o dom é gratuito não no sentido de que não há retorno, mas de que aquilo que circula não corresponde às regras da equivalência mercantil. A retribuição, no caso da caridade, tem um sentido mais abrangente: está no próprio gesto de quem recebe e demonstra reconhecimento e gratidão por aquele que doou. Ainda de acordo com o autor, a retribuição existe mesmo quando não é desejada e está também no próprio gesto de doar, pois os doadores são transformados pelo dom. Neste sentido, o dom pode ser entendido como um ato moral.

O pagamento em dinheiro pago pelo produto não anula o dom nem torna o ato uma transação puramente mercantil. Reproduzo aqui as críticas de Appadurai de que há um exagero e uma reificação da diferença entre *commodities* e dons (1986, p. 11). Deste modo,

minhas considerações corroboram a afirmação de Klaas Woortmann (1990) de que a reciprocidade afirma-se pela negação do negócio, que seria a obtenção de lucro, ainda que nada seja trocado.

Neste sentido, não há contradição entre dom e relações de mercado. Para Godbout, sempre se dá mais do que se recebe, e é fundamental pensar que há, na maioria das vezes, prazer no dom, pois este não se baseia apenas na expectativa do contra-dom. Para compreender esta ideia, é preciso alargar a noção de retribuição (que pode estar presente no próprio gesto de dar, no reconhecimento ou gratidão) e a noção de gratuidade do dom (o dom é gratuito não no sentido de que não há retorno, mas de que aquilo que circula não corresponde às regras da equivalência mercantil). Godbout ressalta que as coisas, no dom, têm o “valor de laço”. Por isso, sempre que introduzimos o valor de laço, saímos do mercado. A circulação de dinheiro não qualifica a relação; é a liberdade a partir do valor de mercado que a determina (LESDAIN, 2002).

Considerações finais

Preocupação crescente das sociedades de consumo, aquilo que é considerado lixo (assim como o consumo) objetifica valores e concepções de mundo que orientam as ações de descarte. Estas concepções são importantes para entender as práticas dos imigrantes brasileiros na Holanda que, ainda que se adaptem à separação dos resíduos sólidos e a outras obrigações comuns aos cidadãos holandeses, não partilham das mesmas concepções sobre o destino mais adequado de alguns objetos – como móveis e utensílios domésticos. Deste modo, podemos compreender que o desperdício, para os sujeitos da pesquisa, refere-se a uma ausência de circulação destes objetos, o que poderia propiciar o estreitamento de laços e vínculos sociais, ou, ainda, como ato moral, já que a doação poderia significar a ajuda a alguém

em necessidade. Em outras palavras, desperdiçar seria interromper a vida social (APPADURAI, 1986) de algo que, de acordo com suas condições materiais, ainda poderia ser utilizado, e circular entre as redes sociais.

De uma forma geral, estas afirmações sobre desperdício podem também objetificar outras concepções que os brasileiros têm a respeito dos holandeses, como a de serem mais individualistas. Meus interlocutores afirmaram estranhar o fato de, por exemplo, os holandeses não pedirem ajuda aos vizinhos e de tentarem resolver seus problemas sozinhos. É possível concluir, portanto, que o descarte de móveis e utensílios domésticos seria uma recusa do dom e, conseqüentemente, dos laços que poderiam derivar desta circulação.

Ainda que a produção e destinação de resíduos sólidos seja uma preocupação global, e que as políticas públicas devam encontrar soluções mais adequadas de forma a combater os problemas socioambientais, o lixo também deve ser compreendido em seus aspectos socioculturais, que orientam a forma como os sujeitos consomem e como significam o que – e como – devem ser descartados os objetos.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. *Menos de 2% dos resíduos sólidos são reciclados*, 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-08/menos-de-2-dos-residuos-solidos-sao-recicladados>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- APPADURAI, Arjun. *The Social Life of Things*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ASSUNÇÃO, V. K. “Circulating Food and Relationships: the Movement of Food (and Other Things) Between Brazilians in Boston and Brazil”. *International Review of Social Research*. v. 2, p. 65-76, 2012.

- BRASIL. Política Nacional de Resíduos Sólidos. Lei nº 12.305/10, de 2 de agosto de 2010.
- COLLOREDO-MANSFIELD, Rudi. “Matter Unbound”. *Journal of Material Culture*. v. 8, n. 3, p. 245-54, 2003.
- COLOMBIJS, Freek. “Global and local perspectives on Indonesia’s environmental problems and the role of NGOs”. *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*. n. 154, p. 305-334, 1998.
- DESILVEY, Caitlin. “Observed Decay: Telling Stories with Mutable Things”. *Journal of Material Culture*. v. 11, n. 3, p. 318-38, 2006.
- DIAS, G.F. *Pegada ecológica e sustentabilidade humana*. São Paulo: Gaia, 2002.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. SP: Perspectiva, 1966.
- _____.; ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- EDENSOR, Tim. “Waste Matter: the Debris of Industrial Ruins and the Disorder of the Material World”. *Journal of Material Culture*. n. 3, v. 10, p. 311-32, 2005.
- GILLE, Z. *From the cult of waste to the trash heap of history: the politics of waste in socialist and postsocialist Hungary*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.
- _____. “Actor networks, modes of production, and waste regimes: re-assembling the macro-social”. *Environment And Planning*. v. 42, p. 1049-1064, 2010.
- GLOBO, O. *Holanda recicla 79% do lixo e avança no reaproveitamento de roupas*. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/blogverde/posts/2014/09/18/holanda-recicla-79-do-lixo-avanca-no-reaproveitamento-de-roupas-550038.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

GRADVOHL, A. *Reciclando o lixo*. Fortaleza: Verdes Mares, 2001.

HALKIER, B. “Consequences of the politicization of consumption: the example of environmentally friendly consumption practices”. *Journal of Environmental Policy and Planning*. n.1, p. 25-41, 1999.

LESDAIN, Sophie Bouly de. “Alimentation et migration, une définition spatiale”. In: GARABUAU-MOUSSAOUI, I.; PALOMARE, E.; DESJEUX, D. (Orgs.). *Alimentations contemporaines*. Paris: L’Harmattan, 2002. p. 173-189.

LUCAS, Gavin. “Disposability and Dispossession in the Twentieth Century”. *Journal of Material Culture*. n. 1, v. 7, p. 5-22, 2002.

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D.; RANDERS, J.; BEHRENS III, W. W. *The Limits to growth: a report for the Club of Rome’s project on the predicament of mankind*. New York: Universe Books, 1972.

MILLER, D. “Consumption as the vanguard of history: a polemic by way of an introduction”. In: _____. *Acknowledging Consumption (A Review of New Studies)*. London and New York: Routledge, 1995. p. 1-57.

_____. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

_____. Pobreza da Moralidade. *Antropolítica*. n. 17, p. 21-43, 2º sem., 2004.

MMA - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Política Nacional de Resíduos Sólidos*. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/politica-de-residuos-solidos>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MRE – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Brasileiros no Mundo*. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2013.

O'BRIEN, M. "Rubbish Power: Towards a Sociology of the Rubbish Society". In: HEARN, J.; ROSENEIL, S. (Orgs.). *Consuming Cultures: Power & Resistance*. Basingstoke: MacMillan, 1999. p. 262-77.

_____. "A 'Lasting Transformation' of Capitalist Surplus: From Food Stocks to Feedstocks". *The Sociological Review*. v. 60, n.2, p. 192-211, 2013.

PORTILHO, Fátima. "Consumo verde, consumo sustentável e a ambientalização dos consumidores". Paper apresentado no GT Agricultura, riscos e conflitos ambientais do 2º Encontro da ANPPAS. Indaiatuba, 2004. Disponível em <<http://www.anppas.org.br>>.

_____. *Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania*. São Paulo, Cortez, 2005a.

_____. "Consumo sustentável: limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo". *Cad. EBAPE. BR*. v. 3, n. 3, 2005b.

PORTILHO, Fátima; CASTAÑEDA, Marcelo. *Consumo e Política: neo-modernismo e reflexividade social*, 2009. Disponível em: <<http://starline.dnsalias.com/8080/sbs>>. Acesso em: 03 mai. 2009.

REDE BRASIL ATUAL. *Na Holanda, produzir lixo sai caro. E 80% dos resíduos são reciclados*, 2012. Disponível em: <<http://www.rede-brasilatual.com.br/ambiente/2012/04/holandeses-demonstram-como-passaram-a-reciclar-80-de-seus-residuos-solidos>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

RENO, Joshua. "Your trash is someone's treasure. The politics of value at a Michigan landfill". *Journal of Material Culture*. v. 14, n. 1, p. 29-46, 2009.

ROGERS, H. *Gone Tomorrow: The Hidden Life of Garbage*. New York: New Press, 2005.

SILVA, S. L.; ZANINI, M. C. "Economia solidária, espaço urbano e meio ambiente: Narrativas possíveis entre trabalhadores com o lixo."

Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais, n. 38, p. 287-305, abr. 2013.

SILVA, Simone Lira da e SCOZ, Tatiane Melissa. “A organização familiar em classe popular a partir da biografia de alguns catadores de lixo, autores de um livro, em Santa Maria”. *Revista Habitus*: revista eletrônica dos alunos de Graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro. v. 7, n. 1, p. 21-32. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 13 jul. 2009.

SOSNISKI, Cristina. Repensando fronteiras entre o lixo e o corpo: estudo etnográfico sobre o cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre - RS.

STRASSER, S.; McGOVERN, C.; JUDT, M. *Getting and spending: European and American consumer societies in the twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

THOMPSON, Michael. *Rubbish Theory: The Creation and Destruction of Value*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

VELLOSO, M. P. “Os restos na história: percepções sobre resíduos”. *Ciência & Saúde Coletiva*. v.13, n. 6, p. 1953-1964, 2008.

VIEIRA, Elias Antônio; BERRÍOS-GODOY, Manuel Baldomero Roland. “Lixo: fato ambiental da modernidade”. In: GERARDI, Lucia Helena de Oliveira (Org.). *Ambientes: estudos de Geografia*. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP, 2003. p. 37-51.

WALDMAN, Maurício. “Lixo Domiciliar Brasileiro: Modelos de Gestão e Impactos Ambientais”. *Boletim Goiano de Geografia*, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 11-26, jul. 2013.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOORTMANN, Klaas. *Com parente não se negueia*. O campesinato como ordem moral. Brasília: Editora Universitária de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.